

O tempo não pára

Leonardo Malgeri

Tempo:

1. A sucessão dos anos, dos dias, das horas, etc., que envolve, para o homem, a noção de presente, passado e futuro:
2. Momento ou ocasião apropriada (ou disponível) para que uma coisa se realize.

Novo Dicionário Aurélio

Um dos temas mais interessantes para o professor de história é, sem sombra de dúvidas, o tempo. Não sei se por ter sido ele uma criação humana ou se por sua absoluta relatividade, o fato é que ele exerce sobre os mais novos e também sobre os mais velhos efeitos completamente diferentes.

Alunos muito novos, das primeiras séries do ensino fundamental, possuem muita dificuldade de compreender o passar do tempo (se é que ele passa mesmo). Por mais que eles corram e tenham urgência nas coisas, não se dão conta que os dias, meses e anos se atropelam. Por sua vez, alunos de mais idade, especialmente os que participam da Educação de Jovens e Adultos, lidam com esse fator de forma respeitosa. Parecem entender melhor o tempo, porém não parecem se conformar com a inexorabilidade dele, especialmente se frustrando quando constatam que ele avança de forma inversamente proporcional aos nossos anseios.



Ilustração disso eu encontrei ao participar de uma feira de antiguidades numa escola onde leciono. Meus olhos passeavam por máquinas fotográficas do modelo lambe-lambe, telefones quase do tempo de D. Pedro II, moedas da Era Vargas e tantos outros objetos antigos. Grande susto tomei ao perceber um disco de vinil espalhado entre fitas magnéticas de música e de vídeo. Decidi pegar o vinil em minhas mãos, mais por uma curiosidade musical do que propriamente histórica. Percebendo meu interesse pelo disco, veio um aluno de seus 10 anos afirmando peremptoriamente: "Tio, isso é como os antigos ouviam música!".

Não preciso dizer a enorme “simpatia” que senti por aquela criança naquele momento. Ao datar como antigos os objetos, estava ele também me colocando na mesma condição - uma vez que fui habitual usuário dos mesmos.

E, sejamos honestos, não tem tanto tempo assim que nos reuníamos na casa dos amigos para ouvir nossas canções favoritas. Músicas que saíam de uma caixa retangular, coberta por uma espécie de tampa. Essa caixa possuía um pequeno “braço” que ao ser acionado fazia girar um motor, que punha o disco em movimento. Nesse “braço” havia uma agulha, que ao entrar em contato com as ranhuras do disco girando produzia o almejado som. Estava garantida a festa. Ou pelo menos estava, há uns 15 anos atrás.

Mas, é claro, para um aluno de ensino fundamental, 15 anos são uma eternidade. É mais tempo do que a consciência dele já experimentou.

Tive a sensação que ao afirmar aquilo deve ter passado por sua cabeça que as pessoas que ouviam música em vitrola tinham que parar suas audições quando da chegada de dinossauros.

No dia seguinte eu estava dando uma aula inaugural para uma turma de adultos. Calhou de me perguntarem justamente como a história vê o tempo. Ao invés de fingir que sabia a resposta ou retrucar se não era o tempo que via a história, contei o episódio do dia anterior. De imediato todos riram. Segundos depois pude perceber que muitos refletiam e relacionavam a visão daquela criança com suas próprias visões de tempo.

O que para as crianças parecia algo tão distante e pouco palpável, para os adultos saltava aos olhos – assim como ocorrera comigo. O que para os mais jovens era uma eternidade, para nós parecia ter ocorrido meses atrás.

Sentindo que uma certa tristeza se abatera sobre todos, ponderei que o mesmo tempo carrasco é também tempo democrático – uma vez que derrota a todos, sem fazer distinção. Os mesmos olhos que viram 15 anos como algo tão distante também verão a mesma quantidade de anos de forma muito próxima. Daqui a 20 primaveras começarão a perceber o quanto é difícil acompanhar o tempo e essa sensação ficará com eles até o momento em que serão definitivamente excluídos do presente.

Acontece a todos de o tempo passar. É algo contra o qual toda luta será vã – até porque desemboca na invencibilidade da morte.

Não sei se essas palavras realmente serviram de conforto.

O fato é que serviram para que refletíssemos todos o quanto é importante fazer o exercício diário de valorizar a vida - como fazem as crianças. No auge de sua inocência elas são capazes de viver a vida intensamente, como se o mundo fosse acabar no distante dia seguinte.

São capazes de “amar as pessoas como se não houvesse amanhã”, como dizia o cantor do vinil que carinhosamente aninhei em meus braços.

LEGENDA(S) DA(S) FOTO(S)

- *Percebendo meu interesse pelo disco, veio um aluno de seus 10 anos afirmando peremptoriamente: “Tio, isso é como os antigos ouviam música!”*

sobre o(a) autor(a):

Professor de História da rede pública e particular e do pré-vestibular social no município de Petrópolis, membro do grupo de pesquisa “Narrativas, memórias e imagens da diáspora: práticas culturais afro-brasileiras em escolas públicas do Rio de Janeiro e seus praticantes”.